

ECOS DA GRANDE GUERRA NAS OBRAS DE JOÃO PENHA

ELSA PEREIRA*

Durante grande parte do séc. XX, títulos como o desta comunicação foram olhados com desconfiança por alguma crítica literária, que encarava o texto apenas como um objeto verbal. Embora já ultrapassada por um novo equilíbrio, entretanto restabelecido entre as epistemologias linguística e cultural, a verdade é que essa perspectiva de análise, instaurada pelas teorias imanentes, seria talvez ainda hoje a mais pertinente no caso de um autor como João Penha (*1839 †1919), bem conhecido pelas suas posições em prol da impessoalidade da poesia¹ e por defender, nos seus textos doutrinários, a supremacia da forma sobre a «ideia, que tem [...] origem na observação [...] do mundo exterior»².

O próprio poeta, no entanto, era o primeiro a reconhecer que tal proeminência não poderia nunca deixar de traduzir-se numa simbiose equilibrada entre forma e conteúdo³, e por isso admitia também o inevitável intercâmbio que se estabelece

* CLUL – FLUL | CITCEM, epereira@net.sapo.pt | FCT (SFRH/BPD/92155/2013).

¹ A este propósito, declarava o autor: «que se importa o mundo com as commoções, com os sentimentos de tal ou tal poeta? Que nos importa a nós que elle ame, que seja feliz ou infeliz nos seus amores? que adore a paizagem que vê da sua janella, que sonhe negro ou côr de rosa? Que se importa a humanidade com isso? [...] Que se importa o publico que o poeta ache o mundo bom ou mau, a vida alegre ou triste? que queira viver n'uma casinha á beira-mar, ou, monge, n'um êrmo obscuro?» (João Penha apud Pereira, 2012, vol. IV, t. I, n.º 740, ll. 52-56, 63-65). Ao longo deste trabalho, a convocação dos textos penhianos far-se-á sempre através da edição crítica que apresentámos, sob a forma de tese de doutoramento, à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

² João Penha apud Pereira, 2012, vol. II, t. II, Arquivo documental do n.º 333. Quanto à supremacia da forma, veja-se também o que João Penha afirma em vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 330-333: «parece justificado, pelo confronto da formação quasi inconsciente e mechanica da idea, e o laborioso trabalho de lhe dar fórma externa, que esta, no mundo da arte, tem um valor incomparavelmente superior ao d'aquella».

³ À semelhança dos teorizadores da Arte pela Arte, ressaltava o nosso poeta: «Defino a poesia: 'a revelação harmoniosa do pensamento humano'[...]. Aquelle [...] que conseguiu unir uma bella idea a uma

entre a matéria linguística de um texto e a vida (ou os acontecimentos) que ela traz. Neste sentido, as poesias de João Penha constituirão, necessariamente também, representações culturais da sua época; um período conturbado na política interna portuguesa e que, no plano internacional, ficou marcado indelevelmente pela Grande Guerra que assolou o mundo entre 1914 e 1918.

Na verdade, a produção lírica deste autor deixa transparecer muitas das suas vivências que se relacionam com o clima bélico da altura, mesmo se, em nota final ao livro *O Canto do Cysne*, o poeta começava por manifestar alguns escrúpulos em trazer essas ocorrências históricas para o plano literário das suas criações:

Hesitei em publicar e incluir neste volume estes [...] sonetos [...]. Filinto Elysio assistiu em Paris a todo o drama da Revolução franceza, [...] e comtudo, na sua vasta obra não se encontra a menor referencia a qualquer dos acontecimentos, capitaes ou secundarios, d'essa tragedia. [...] E não deveria eu, apesar de microscopico, seguir, em taes circumstancias, o exemplo d'aquelle meu antigo mestre? Sim, devia [...]. Feitos, porém, esses sonetos, não tive a coragem de os aniquilar⁴.

Já em 1897 Penha aludia, em composição lírica do livro *Viagem por Terra ao Paiz dos Sonhos*, a alguns acontecimentos que haveriam de culminar mais tarde na Primeira Guerra Mundial – nomeadamente o conflito franco-prussiano de 1870-71, que ditou a anexação dos territórios da Alsácia-Lorena pela Prússia, então governada por Otto von Bismarck (*1815 †1898), o *Chanceler de Ferro* do Império Alemão:

[...]
 Conta-se até, mas a mêdo,
 (Veja-se bem que não berro)
 Que foi amada em segredo
 Pelo Tudesco de Ferro.

 Por um beijo nessa trança,
 Disse elle um dia á pequena,
 Se o pedisses dava á França
 Além da Alsacia a Lorena!⁵

Mais tarde, já nas *Ultimas Rimas*, o poeta dedicaria uma composição à Guerra de 1914, lembrando, uma vez mais, a tomada da Alsácia-Lorena (as «duas joias da

fórma absolutamente correcta, deverá ser contado entre o numero dos grandes artistas do seu tempo» (João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. IV, t. I, n.º 718, ll. 56, 339-341).

⁴ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. II, n.º 467.

⁵ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 65, vv. 57-64.

França») pelas tropas de Bismarck, quarenta e cinco anos antes do conflito que resultou na derrota e desmoronamento do Império Alemão. Intitulava-se «Germania delata»; uma expressão latina que significa, à letra, *Alemanha aniquilada*:

GERMANIA DELATA

(A Henrique Lopes de Mendonça)

O Crime ás vezes descança,
Julga-se livre, mas nunca:
Na abscondita espelunca
Surge-lhe um dia a vingança.

Ella, outrora, a fôgo e lança,
De mortos os campos junca;
Ri, e estende a garra adunca
A duas joias da França!

Não foge á pena o malvado:
Quem sabe o porvir? ninguém;
É como d'um ceu nublado,

O que das sombras nos vem!
Tu, Bismark, estás vingado,
E tu, oh França, tambem!

27-X-18⁶.

O poema desenvolvia-se em torno da premissa platónica de que todo o mal acaba sendo vingado por uma Justiça cósmica infalível, e por isso o desmoronamento da Alemanha em 1918 vinha expiar o mal perpetrado contra a França, em 1871. Recorrendo a um mecanismo retórico assente na personificação das duas nações, o soneto terminava com a apóstrofe à França e uma alusão ao *Revanchismo* que nasceu a partir das humilhações da Guerra Franco-Prussiana.

Esse movimento de contornos nacionalistas, que reclamava a vingança gaulesa e conquistara em Portugal a simpatia popular⁷, acabou aliás por agudizar-se em 1914,

⁶ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 343.

⁷ Sobre a humilhação francesa e a rivalidade militar com a Alemanha, no período de 1871-1914, vd. MARTELO, 2013: 43-59. Quanto à opinião pública portuguesa, «o sentimento popular era predominantemente de simpatia pela causa aliada, que se identificava com a liberdade e democracia. Pelo contrário, a Alemanha militarista do 'kaiser' era considerada como a agressora violenta e injusta» (Saraiva, 2004, VIII: 88). Apesar da opinião dominante no nosso país, anote-se entretanto, a título de curiosidade, a perspectiva divergente de uma figura de proa como Fernando Pessoa, que «mantinha um juízo mais favorável e até positivo», relativamente à «força, o imperialismo e a organização» da Alemanha (PIZARRO, 2006: 99-100).

quando as Potências Centrais tentaram investir contra a capital francesa, antes de serem travadas na Batalha do Marne⁸. João Penha não deixa o acontecimento passar em branco no poema «A Conquista de Paris», composto logo em janeiro de 1915:

A CONQUISTA DE PARIS

Á voz d'um monstro com figura humana
Uma guerra tremenda o mundo assola.
Ao seu orgulho desmedido immola
Vidas sem conto, e n'uma furia insana

Tudo destroe: a misera cabana,
O palacio dos reis. Mata, degola
Pobres creanças a sahir da escola,
Velhos monges orando! e a horda ufana

Nem aos gritos das virgens se detem!
Guerra feroz que ao século envergonha,
Que nos livros da historia outra não vê

Mais horrenda, mais trágica e medonha!
Ri de contente o monstro, come bem,
E, pando o ventre, em fôfo leito, sonha...⁹

Aí recorria a imagens hiperbólicas de grande expressividade (envolvendo crianças inocentes, pacíficos religiosos e virgens indefesas), para acentuar as atrocidades da Guerra e o repugnante contraste suscitado pela tranquilidade e conforto que rodeavam Wilhelm II.

Esse «monstro com figura humana», que Penha acusa de ser responsável pela Guerra, haveria mesmo de voltar a ser objeto de dois outros poemas, compostos em setembro de 1918, sob o título deíctico «Elle!».

No primeiro dos poemas, repetia-se o qualificativo monstruoso, arremessado contra o imperador, diante das vítimas inocentes, ao mesmo tempo que se insistia na tese platónica de uma Justiça cósmica, que obrigaria o César alemão a expiar os seus crimes em vidas futuras:

ELLE!

Nos códices da historia e até na lenda
Um monstro, um cesar mais feroz não ha!
Mas não obstante inda no solio está,
E proseguindo vae na mesma senda!

⁸ A este propósito, vd. Falcão, 1916: 68-77.

⁹ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 467.

*Nada suppor nos faz que tenha emenda,
 Ou que o remorso, cruel, minando o vá!
 E extintas são, ha tantos annos já,
 Milhões de vidas, mortandade horrenda!*

*E não pára no bárbaro caminho!
 Contra innocentes e anciãos investe,
 Cheio de sangue o esquálido focinho!*

*Mas, n'outra vida, o Julgador Celeste
 Tigre o fará, por mais atroz, marinho,
 Monstro que exhala, por odôr, a peste!¹⁰*

O soneto vinha porém acompanhado de uma nota, colocada no final do livro *Ultimas Rimas*, onde o autor fazia questão de ressaltar a sua admiração pela «nobre Germania», independentemente da repulsa que lhe inspiravam as atrocidades cometidas pelo homem que liderou os destinos do Império Alemão entre 1888 e 1918:

O que [...] digo, nada tem que ver com a nobre Germania, que elle governa, como um pastor governa o seu rebanho de carneiros! O que me assombra é que esse individuo, que deixa a perder de vista os Neros, Tiberios, Calígotas, e quasi todos os outros Cezares, de que Tácito é o terrivel historiador, ainda esteja vivo! É que talvez seja o homem dos destinos, e tanto paguem os justos, que são a maioria, como os peccadores!¹¹

Já no segundo poema da série, Wilhelm II surgia novamente encerrado na sua torre de marfim, descrita ao pormenor na primeira quadra, mas a sumptuosidade do cenário servia já só para fazer sobressair a decadência do imperador e a derrota eminente, que se adivinhava no último verso:

ELLE!

Era no salão nobre, de apparato;
 De pura lhama d'oiro o cortinado;
 O sôlho, de mosaicos marchetado:
 Um luxo sem igual, quasi insensato.

¹⁰ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 349.

¹¹ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. II, n.º 349. O poeta sente mesmo necessidade de o reiterar, por mais de uma vez, como acontece noutra nota final, publicada no livro *O Canto do Cysne*: «a terra que viu nascer Goethe, Schiller, Wieland, Voss, Klopstock, Henri Heine, Humboldt, Kant, Hegel, Wagner, Gluck, Gottschalk, Haydn, Mendelssohn, Schubert, Werber, Thorwaldsen, Schwanthaler, Menzel, e tantos outros gloriosos luminares das sciencias e das artes; a terra em que as mulheres são honestas e romanescas, e os homens laboriosos e instruidos, deve, em todo o caso, ser respeitada por todas as nações do mundo: nunca *Delenda Germania!*» (João Penha apud Pereira, 2012, vol. II, t. II, n.º 467).

Na rica sala, esplendida de ornato,
Cheio de mêdo, trémulo, acanhado,
Estava um grande artista, ali chamado,
Para esboçar a oleo o seu retrato.

Elle, velho, só rugas e magreza,
Immerso parecia em longo estudo,
Sobre um mappa, estendido em ampla mesa.

Súbito, ergue a cabeça, e carrancudo
Exclamou, com insólita fraqueza:
«Estou a ver Paris... por um canudo!»¹²

João Penha terminava com uma expressão idiomática normalmente associada à sua terra natal (*ver Braga por um canudo*) e ao célebre monóculo do Bom Jesus, de onde em condições normais se avistava Braga, a meia dúzia de quilómetros, porém inalcançáveis, devido à bruma que muitas vezes frustrava as expectativas dos mirones. De modo semelhante, também o César alemão, à medida que se aproximava o final da Guerra, via enfim logrado o intento de conquistar Paris e tomar a França de assalto, tal como ensaiara na ofensiva de 1914, que marcou o início de uma das guerras mais sangrentas na história da Humanidade e marcou indelevelmente a mundividência de toda uma era.

O conflito da I Guerra Mundial mergulhou aliás a Europa «entre a confusão e a dor, o que a muitos se afigurava uma irremediável catástrofe espiritual e uma trágica crise de consciência e de cultura»¹³, que acabou por se refletir, direta ou indiretamente, em todas as expressões artísticas de então.

A obra penhiana é disso mesmo testemunho, na medida em que abundam, nos últimos livros do poeta, alusões ao perturbador clima bélico que se vivia na altura, oscilando estas entre a esperada gravidade, própria do tema, e a vocação mais ou menos burlesca do nosso autor. É o que acontece num poema, composto em janeiro de 1915, que faz uso de um mecanismo distintivo no estilo de João Penha: a brusca inflexão desmistificadora dos últimos versos, em súbito contraste com o corpo do soneto:

OS OBUZES

*Percorre o mundo inteiro, em mar e terra,
O Pavôr, de cabelo desgrenhado:
Segue-o, brandindo o gladio ensanguentado,
A negra Mob, essa visão que aterra.*

¹² João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 350.

¹³ SILVA, 1999: 458.

*Por toda a parte sôa: guerra, guerra!
O tropel dos cavallos, o alto brado
Da bôcca dos canhões, entrecortado
Pelo estridor do obuz, que a morte encerra.*

*Echôa longe o formidando obuz,
Mas sua força é tal, inda é tamanha,
Que meu ventre esses echos reproduz,*

*E o pequeno, que sempre me acompanha:
– «Oh papá, vomecê dá tantos pús!»
– «São em honra do Cesar da Allemanha»¹⁴.*

Se, neste caso, a pungência do cenário de guerra – também sugerida pelo ritmo sincopado dos versos – aparecia amenizada pela inversão paródica no final do soneto, em poemas compostos durante os últimos anos de vida, o que predomina contudo é um marcado tom pessimista, multiplicando-se as alusões à carestia que fustigava a Europa, mas muito concretamente também a própria existência de João Penha, como se pode ver na composição intitulada «Consequencias da guerra»:

CONSEQUENCIAS DA GUERRA

*Ai! quem ainda ha pouco m'ò diria!
Em grande risco estou de dar á costa,
Pois que o que vou ganhando, dia a dia,
Mal chega para o bife, o chá e a tosta!*

*E já prevejo o transe lastimoso,
Se não me fulminar ou bomba, ou gotha,
Eu, outrora, tão nedio, e tão mimoso,
De beber agua, e de comer bolota!*

7-VII-18¹⁵

Um dos exemplos mais comoventes será talvez este poema inédito, que o autor compôs em outubro de 1818 – pouco antes da assinatura do armistício e a escassos meses do seu falecimento:

¹⁴ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 468.

¹⁵ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. II, t. I, n.º 436.

OS MISERAVEIS

– «Não ha na face da terra
Um ente mais infeliz,
Mais desgraçado do que eu:
Do que o trabalho me deu,
Não me restam dous ceitis.
A minha filha morreu,
E ando, em meios, tão baldo
Que nem tenho para o caldo!
Cheio de fome e de frio
Sou um pária, um cão vadio.
Sois homem rico e de préstimo:
Assim tão pobre e tão fraco;
Venho pedir-vos, de emprestimo,
Um miserrimo pataco.
De penuria, ao desamparo,
Até receio morrer.»
– «Está tudo muito caro,
E esta maldita guerra,
Obriga-me a ser avaro:
Agora não póde ser.

18-X-18¹⁶

Penha começava por aludir, logo no título, ao conhecido romance de Victor Hugo, *Les Misérables*, para a partir dele traçar um paralelismo implícito, entre a miséria dos desfavorecidos no submundo parisiense de meados do séc. XIX, e a dolorosa penúria em que se encontrava o poeta, já então denunciada pelos jornais da altura¹⁷.

Não foram fáceis, na verdade, os últimos anos de vida de João Penha. Ao aflitivo desequilíbrio financeiro, em que se debatia o numeroso agregado familiar (há muito fustigado pela doença e pela velhice), somavam-se ainda os constrangimentos impostos pela instabilidade interna do nosso país e, muito particularmente ainda, pela entrada de Portugal na Guerra, em inícios de 1917. Entre as consequências materiais que resultaram desse envolvimento no conflito – a escassez de géneros, a subida dos preços, o agravamento da dívida, as convulsões sociais e uma generalizada

¹⁶ João Penha apud PEREIRA, 2012, vol. III, t. I, n.º 648.

¹⁷ As dificuldades que afetaram o poeta, nos últimos anos de vida, acabariam sendo mitigadas por uma modesta pensão que o Parlamento lhe atribuiu em janeiro de 1917, sem contudo se efetivarem os pagamentos antes da morte de João Penha. Para mais pormenores, vd. Pereira, 2012, vol. I: 101-108.

apreensão que dominava as famílias pequeno-burguesas – sobressaía todavia uma, com maiores repercussões no plano literário: a crise do papel, que retraiu todo o mercado editorial na altura¹⁸, acabando por protelar indefinidamente a publicação de uma das últimas obras do nosso autor.

Concluído em meados de 1916¹⁹, o livro em causa intitulava-se originalmente *Excavações Litterarias* e deveria compreender dois tomos – respetivamente intitulados *Ao Pôr do Sol* (versos) e *Noites de Inverno* (prosas). Segundo a correspondência do poeta, terá sido João de Barros (genro do amigo pessoal Teixeira de Queirós) quem depois tratou da venda do manuscrito aos editores Aillaud & Bertand, adiantando-se então o pagamento de 80 escudos ao autor²⁰. Embora sem o consentimento de Penha, o acordo previa contudo um adiamento da publicação, até que a falta de papel, provocada pela Guerra, fosse definitivamente ultrapassada – o que suscitou de imediato este desabafo do autor, confiado a Antero de Figueiredo, em carta datada de 2 de Julho de 1917:

sabe o que ha dias de là me disseram?: que tinham convencionado com o D. João de Barros, em não publicarem o meu livro (elles são doces), senão depois de finda a guerra, e que não o publicaram antes! Ora, a guerra pode ainda durar pelo menos 4 annos: nêssa epocha, pode muito bem succeder, que eu já não pertença ao numero dos vivos, e d'ahi resultará que os meus ultimos pimpolhos, sahiram posthumos, e peor ainda: como a minha letra não é para todos, e a do meu secretario não é melhor, sahirão irriçados de gralhas, immundos!²¹

Durante o impasse criado, Penha começou por escrever alguns poemas avulsos, que «ia mandando, quasi de dia a dia», para serem acrescentados à edição protelada²². Todavia, como o manuscrito tardasse a entrar no prelo, o poeta acabou por organizar um volume de *Ultimas Rimas*, onde consumou a sua despedida do mundo das letras²³.

¹⁸ Sobre as manifestações da crise económica em Portugal, vd. MARQUES, 2014: 284-286, SAMARA, 1998 e Saraiva, 2004, VIII: 103-104. A falta de papel afetou de modo particularmente severo os jornais, que se viram obrigados a «criar pontos de leitura públicos, onde se iam atualizando as informações sobre a guerra» (MARQUES, 2014: 294).

¹⁹ A informação é corroborada pela correspondência que o poeta trocou com Antero de Figueiredo (BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1189(3), (4), (5), (6)).

²⁰ A este propósito, vd. carta de João Penha para Antero de Figueiredo, datada de 17/7/1918 (BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(2)).

²¹ BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1193(2).

²² Vejam-se as cartas de João Penha para Antero de Figueiredo, datadas de 31-VIII-1917 (BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1193(3)) e de 14-IV-1918 (BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(1)).

²³ Essa mesma intenção é declarada pelo autor, em carta enviada para Antero de Figueiredo, a 26/10/1918 (BPMP – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1196(7)).

Publicado poucos meses depois da morte do autor, em 1919, o livro incluía algumas das composições já enviadas a Aillaud & Bertand, que assim acabaram publicadas antes mesmo de as conturbadas *Excavações Litterarias* chegarem a ver a luz do dia. Estas só viriam a lume postumamente, pela mão de Albino Forjaz de Sampaio, que em 1923 decidiu recuperar o projeto, intitulado-o *O Canto do Cysne* (numa alusão metafórica à lenda socrática, segundo a qual os cisnes ecoariam um belo canto final, quando pressentiam a chegada da morte).

As últimas obras de João Penha surgem assim enredadas numa teia de contingências editoriais, cuja natureza acidentada se deve, em última instância, aos rigores de uma guerra que mudou para sempre o nosso mundo, e que tem na poesia penhiana uma interessante representação humana e literária. Por isso também se justifica esta evocação do «correctíssimo poeta, o clássico poeta da forma»²⁴, num colóquio que privilegia a epistemologia cultural, centrada nas problemáticas e representações da Grande Guerra.

FONTES DOCUMENTAIS

Biblioteca Pública Municipal do Porto – *Espólio de Antero de Figueiredo*, M-AF-1189(3), (4), (5), (6); M-AF-1193(2), (3); M-AF-1196(1), (2); M-AF-1196(7).

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Sergio de (1916) – *Homens de letras e flores*. «Gazeta das Aldeias: Semanario Illustrado de Propaganda Agricola e Vulgarização de Conhecimentos Uteis», vol. XLII, n.º 1076. Porto: Typ. da Imp. Portuguesa.
- FALCÃO, Garibaldi (1916) – *A Grande Guerra: A Batalha do Marne*. Lisboa: Guimarães & C.ª Editores.
- MARQUES, Ricardo (2014) – *1914: Portugal no Ano da Grande Guerra*. Alfragide: Oficina do Livro.
- MARTELO, David (2013) – *Origens da Grande Guerra: Rumo às Trincheiras: Percurso Político-militar (1871-1914)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- PEREIRA, Elsa Maria Gomes da Silva (2012) – *Obras de João Penha: Edição Crítica e Estudo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 4 vols. em 7 tt. Tese de doutoramento.
- PIZARRO, Jerónimo (2006) – *A representação da Alemanha na obra de Fernando Pessoa*. «Românica», n.º 15. Lisboa: Edições Colibri, p. 95-108.
- SAMARA, Alice (1998) – *O impacte económico e social da Primeira Guerra em Portugal*. In TEIXEIRA, Nuno Severiano, coord. – *Portugal e a Guerra: História das Intervenções Militares Portuguesas nos Grandes Conflitos Mundiais: Séculos XIX e XX*. Lisboa: Edições Colibri, p. 89-106.
- SARAIVA, José Hermano (2004) – *História de Portugal*. Vol. VIII: *A Primeira República – Do 5 de Outubro à Crise Partidária*. Matosinhos: QuidNovi.
- SILVA, Vítor Aguiar e (1999) – *Teoria da Literatura*. 8.ª ed. Coimbra: Almedina.

²⁴ CASTRO, 1916.